

Estrangeiros vêm confiança

São Paulo — A posição do Presidente da República de endurecer nas negociações com o FMI mostra a seriedade do Governo no sentido de buscar índices mais realistas e evitar refazer, no futuro, uma Carta de Intenção entregue ao Fundo, afirmaram, ontem, banqueiros estrangeiros que operam em São Paulo.

Dirigentes de bancos estrangeiros ligados ao American Express, Citibank, Deutch Bank, Banco de Tokyo e a um conselheiro do Chase Manhattan, consideram que a posição do Presidente Sarney aumenta o "índice de confiança" do comitê de credores no Governo do País.

"Não há como deixar de reconhecer que o Governo brasileiro está buscando uma negociação mais justa e com índices mais realistas com o FMI. Tem 90 dias para fazê-lo, por que se apressar? Uma negociação desse tipo deve levar pelo menos de 60 a 70 dias. Temos tempo e, em agosto, esperamos negociar com o Brasil sua dívida externa", observou um dos banqueiros.

Toshiro Kobayashi, presidente do Banco de Tokyo, afirmou que "o problema que o Governo brasileiro enfrenta é o dos cortes nos

orçamentos das estatais. O Governo brasileiro está procurando trabalhar com seriedade. Isso está sendo compreendido".

Os banqueiros norte-americanos da área privada mostram-se favoráveis a uma renegociação da dívida externa do Brasil em condições que permitam ao País mostrar um bom ritmo de crescimento na sua economia, comentou ontem o presidente da Federação das Indústrias de São Paulo, Luiz Eulálio de Bueno Vidigal Filho. "Eles estão mais preocupados com a dívida interna do Brasil do que com a dívida externa", acrescentou, ao falar sobre os contatos que manteve com banqueiros em sua recente viagem aos Estados Unidos.

Segundo ele, os banqueiros apoiam o Governo brasileiro na adoção de medidas para reduzir o déficit público. E conseqüentemente, a dívida interna. Vidigal, que ontem falou por telefone com o Ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, citou alguns pontos que foram ressaltados como "argumentos fundamentais" para uma boa renegociação da dívida: as reservas cambiais, a capacidade do País nas exportações e o excelente programa do País para substituir as importações.